

Antropologia da Solidariedade

João Carlos Almeida¹

A “solidariedade” é a grife do momento. Políticos e *marketeiros* elegeram esta palavra como o adjetivo preferido para os seus projetos. Fala-se de Alfabetização Solidária, Comunidade Solidária, Universidade Solidária, Ação Solidária (contra o câncer infantil), Economia Popular Solidária, Empresa Solidária, apenas para citar algumas iniciativas mais conhecidas. É muito comum o uso estético de expressões que caem no gosto do povo. Em outros tempos este tipo de populismo de mercado fez a mesma coisa com palavras como amor, liberdade, igualdade, fraternidade, cidadania e paz. Hoje, dificilmente alguém seria ouvido se falasse de “alfabetização amorosa, libertadora, igualitária, fraterna, cidadã ou pacífica”. Soaria estranho e até antiquado. Alguém deveria estudar o mecanismo psicológico de recepção ativa que leva as coletividades a elegerem padrões estéticos. Seria uma espécie de inconsciente coletivo que provoca uma espécie de consenso espontâneo? Ou existiria algo parecido com a “conspiração aquariana”, onde muitos co-inspirariam os mesmos ideais por uma espécie de ligação espiritual?² Deixamos este estudo para os psicólogos e psicólogas. Vamos abandonar o uso adjetivado da solidariedade para procurar seu significado substantivo nas suas raízes antropológicas.

Ultrapassando o senso comum e este uso instrumentalizado da solidariedade, encontramos algumas indicações mais lúcidas do conceito que apontam na direção de uma superação do individualismo moderno. Parece que nas sociedades tribais e no monolitismo político-cultural da Idade Média havia pouco espaço para a subjetividade. A sociedade era um corpo sólido. Neste sentido poderíamos identificar aí uma espécie de solidariedade cultural. Se voltássemos à filosofia grega clássica, encontraríamos a humanidade compreendida cosmologicamente. O ser humano, portanto, fazia corpo sólido com o cosmos. Era literalmente “humano”; porção humanizada da terra³. Estes valores cosmológicos e culturais parecem entrar em crise com o advento da modernidade e com a descoberta cartesiana do sujeito que pensa e deseja, logo existe. As instituições que permaneciam como receptáculos da solidificação social começam, aos poucos a entrar em crise. Ultimamente podemos perceber, sem muitas pesquisas, esta crise chegando a instituições aparentemente sólidas como é o caso da família, ou mesmo do Estado, sem falar das religiões.

¹ O autor é licenciado em Estudos Sociais, com ênfase em filosofia, pós-graduação em “Psicopedagogia”, bacharel em Teologia e doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Sra. da Assunção, em São Paulo. Está em fase de conclusão de sua tese de doutorado em Filosofia da Educação pela USP. É sacerdote da Igreja Católica na Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus.

² Marilyn Ferguson, *A Conspiração Aquariana*, Editora Record, São Paulo, 1994. O livro fez furor na década de sessenta ao defender a teoria de que a “era de aquário” seria provocada pela co-inspiração de muitas pessoas em lugares diferentes de todo o mundo que alimentaria os ideais de uma espiritualidade sem instituições.

³ Conceito desenvolvido por: Leonardo Boff, *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis, Vozes, 1999.

Neste enquadramento histórico do conceito de solidariedade é importante fazer um lembrete de cunho etimológico. Quando falamos de solidariedade sempre temos como pano de fundo as palavras latinas *solidum* (totalidade, soma total, segurança) e *solidus* (sólido, maciço, inteiro). A definição sociológica de solidariedade do Dicionário Michaelis parece caminhar nesta direção: “Condição grupal resultante da comunhão de atitudes e sentimentos, de modo a constituir o grupo unidade sólida, capaz de resistir às forças exteriores e mesmo de tornar-se ainda mais firme em face da oposição vinda de fora”. Este tipo de “corporativismo social” é diferente da solidariedade cosmológica, tribal ou cultural. A diferença é que passa pela crítica do sujeito e não anula o indivíduo. Há uma espécie de interdependência. O Dicionário Aurélio falará de “vínculo recíproco”, que nos parece uma expressão muito feliz para um ensaio de definição.

Do ponto de vista da nomenclatura a expressão “solidariedade” certamente foi popularizada, a partir da década de oitenta, pelo Sindicato Solidariedade (*Solidarnosc*) da Polônia⁴. Não podemos esquecer que, no mesmo período, em 1978, um polonês, Karol Wojtyła, foi eleito papa na Igreja Católica, assumindo o nome de João Paulo II. Uma de suas primeiras encíclicas é justamente “Sollicitudo Rei Socialis”⁵. Ali a doutrina social da Igreja Católica é nitidamente construída a partir do conceito de solidariedade que é definido como a “determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos”⁶. Seguindo esta linha poderíamos definir a solidariedade como determinação pessoal de responsabilidade mútua.

Para o senso comum a solidariedade está fortemente ligada ao campo das emoções. Seria uma sensibilidade para com os menos favorecidos que leva a uma atitude de caridade. A fragilidade desta concepção está em sua unilateralidade. Os ricos deveriam ser solidários com os pobres. Mas é possível solidariedade sem reciprocidade? Parece-nos que o equívoco está em colocar o significado da solidariedade imediatamente no campo do agir, da ética, dos resultados. Sabemos que o agir segue o ser. Portanto, somente podemos tomar atitudes solidárias porque existe uma solidariedade essencial em nossa identidade humana. Aqui entramos no âmago da nossa questão: quais seriam os pressupostos antropológicos da solidariedade?

Parece claro que a emergência do conceito de solidariedade é epocal. Ela é o espaço conceitual de encontro entre a superação do mito moderno do indivíduo em estado puro, a insuficiência antropológica das “teorias da dependência”, que geraram os movimentos emancipatórios de libertação⁷, os anseios ainda um tanto vagos de “inclusão”⁸, os sistemas político-econômicos de matiz socialista e neoliberal, uma psicologia refém do indivíduo e a psicologia social. Solidariedade é, hoje, um espaço de consenso conceitual. Progressistas e conservadores o utilizam sem culpa. Mas o que significa exatamente? O perigo do consenso é significar tudo e nada ao mesmo tempo.

Antes de ensaiarmos uma resposta, é necessário fazer a pergunta certa. Pelo que vimos até aqui esta pergunta geradora poderia ser: “Que vínculos recíprocos de

⁴ O Sindicato Solidariedade foi fundado na Polônia em 1980 e teve em Lech Walesa um de seus maiores líderes. Em 1983, Walesa foi contemplado com o Prêmio Nobel da Paz e, em 1990, assumiu o governo da Polônia, vindo a ser reeleito em 1995.

⁵ João Paulo II, *Sollicitudo rei socialis*, São Paulo: Paulinas, 1989.

⁶ *Ibidem*, nº 38.

⁷ Cf. F. H. CARDOSO - E. FALETTO, *Dependência e desenvolvimento na América Latina; Ensaio de interpretação sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

⁸ A Conferência Nacional de Educação que o MEC promoveu em outubro/2003 teve como tema: “Educação como estratégia de desenvolvimento e inclusão”.

responsabilidade mútua interferem ontologicamente na construção da identidade humana? Poderíamos chamar este fenômeno de “solidariedade ontológica”?

Se conseguirmos responder razoavelmente a esta questão, em um segundo momento poderemos discorrer sobre a “solidariedade ética” que naturalmente emerge da “solidariedade ontológica”, já que o agir segue o ser. Não daremos conta desta segunda tarefa nos limites de nossa pesquisa. Por isso, vamos nos concentrar na pergunta feita e no plano da identidade humana. Neste sentido a resposta poderia tomar pelo menos dois rumos. Um deles poderia ser denominado “solidariedade ontológica vertical”. Seria o vínculo que existe entre as gerações pelos laços naturais, como os de sangue, mas também de cultura e outras formas de memória. O humano é essencialmente histórico. Este vínculo é recíproco enquanto o pai somente é pai porque tem filho e o filho somente é filho porque tem pai. Esta reciprocidade relacional é constitutiva de ambos. Esta é mais uma janela aberta em nosso estudo. A genética tem avançado nesta direção com conclusões interessantíssimas. Cada vez mais descobrimos que a morte do genitor significa a morte real de uma parte do filho. Uma das provas disso é que a perda de ente querido está em primeiro lugar em todas as listas de estressores. Quem já passou pela experiência de perder seu pai ou sua mãe sabe exatamente do que estamos falando. Mas existe também aquilo que poderíamos convencionar chamar de “solidariedade ontológica horizontal”. Esta acontece no único instante que nos pertence: o presente. É neste nível que gostaríamos de indicar alguns pressupostos antropológicos⁹.

Não se trata de tabular uma idealização filosófica e a-histórica do humano. É exatamente o contrário. Queremos entender a dinâmica da construção da identidade humana nas relações estabelecidas neste “eterno presente” em que estamos imersos. É preciso desvendar o mistério da existência. Para isso será necessário considerar a pessoa e as estruturas em que está inserida. Nossa proposta de elaboração didática do conceito de solidariedade ontológica horizontal é considerar a pessoa como um “nó” de quatro vínculos de responsabilidade recíproca, que chamaremos de relação: 1) Relação com a materialidade; 2) Relação com a interioridade; 3) Relação com a alteridade 4) Relação com a totalidade. O Eu Total, a identidade humana pessoal, é o resultado destes quatro vínculos. Neste contexto é difícil falar de indivíduo singular. Poderíamos até aceitar o paradoxo do “indivíduo plural”, mas a individualidade em estado puro parece definitivamente superada por estas evidências antropológicas da relação. Estes vínculos são constitutivos do humano e o definem como um ser essencialmente solidário. Antes de ser uma atitude desejável em uma sociedade civilizada, a solidariedade é o parâmetro mais profundo que define a individualidade humana como o resultado criativo da relação com outras individualidades. A realização desta identidade é estimulada pela prática da solidariedade. Ou seja, o humano solidário tende a se realizar como pessoa. Desejo e culpa poderiam ser entendidos neste contexto. O desejo é uma força natural, muitas vezes selvagem e irracional, que indica o caminho da sobrevivência, da subsistência, da vida. E o que dizer da culpa? Precisamos aqui da contribuição dos psicólogos(as). Aliás, cada uma destas relações constitutivas do humano poderia ser aprofundada em autores que se dedicaram de modo mais intenso a uma delas. Vejamos brevemente as quatro relações constitutivas do humano.

1) Relação com a materialidade: Somos fundamentalmente “humanos”, feitos de barro, presos ao chão, obedientes à lei da gravidade. Neste vínculo incluímos todos os recentes apelos de sensibilidade ecológica. É preciso reconciliar-se com o cosmos e reconhecer que somos parte de uma materialidade maior. Insere-se aqui toda uma mística do “cuidado”, que denuncia as feridas que a lógica do mercado impõe aos rios,

⁹ Há indicações muito interessantes sobre este tema em: H. ASSMANN e J.M. SUNG, *Competência e sensibilidade solidária; Educar para a esperança*, Petrópolis: Vozes, 2000.

às matas, às cidades, aos ares, às pessoas, ao mar, aos animais. É aqui que devemos pensar na relação solidária com o alimento, com a água, com todo tipo de corpo. É preciso redescobrir a dignidade corporal. Os dualismos de toda espécie criaram um pessimismo em relação ao corpo que confeccionaram uma moral rígida e mesquinha ou uma promiscuidade infantil, que, afinal, são duas faces da mesma moeda. É necessário redescobrir a beleza do toque, da sensação, a dignidade erótica do ser humano. Precisamos reescrever o poema do corpo e da matéria. Mas não nos referimos ao corpo individual singular. Este praticamente não existe. Estamos falando do corpo de corpos; do corpo individual plural. Sou um pouco do que comi ontem. Mas não sou exatamente aquilo que como, porque esta é apenas uma primeira e fundamental relação humana. Sou mais que matéria animada.

2) Relação com a interioridade: O Eu Total relaciona-se com o Eu Consciente. Há uma intimidade, uma interioridade. Pode ser maior ou menor. Aliás, todas as relações podem ser desenvolvidas ou atrofiadas. Existem interioridades recalçadas pelos mecanismos que a psicologia moderna soube descrever muito bem. A interioridade é o templo da subjetividade. Aqui residem os desejos e as vontades, a razão e os sonhos, a sabedoria e os medos. É preciso exercitar a solidariedade consigo mesmo; uma espécie de corporativismo pessoal. Poderíamos dizer, neste contexto, que é preciso ter uma “sólida vida interior”. É nesta relação que normalmente agem com mais força os argumentos religiosos. O silêncio e o culto, a prece e o rito são alimento da interioridade. É neste diálogo pessoal que vai tornando-se consciente a identidade. Interessante como hoje em dia temos cópias clonadas de pessoas famosas. O resultado é a frustração, pois cada humano é original, criativo.

3) Relação com a alteridade: O senso comum costuma reduzir a solidariedade a esta relação com o outro. De fato o encontro com a face do outro me completa e me faz mais eu. Este diálogo supõe a capacidade de ouvir até mesmo os gritos silenciosos das emoções mais profundas. É aqui que entram algumas capacidades que poderemos explicar em outra ocasião: sintonia, sinergia, simpatia, sinfonia, sincronia. A relação com o outro como constitutiva da personalidade é uma das mais estudadas na psicologia. Mas é preciso estar atentos ao fato de que somos solidários por constituição de ser. Portanto a insensibilidade à voz do outro me despersonaliza. Cada encontro deixa marcas de perfume. Algo do outro sempre fica em mim. Mas relações satisfatórias podem acrescentar bem mais ao Eu Total. Pessoas mesquinhas e egoístas provocam a atrofiação de sua identidade solidária.

4) Relação com a totalidade: Hoje se fala muito de holística. Estamos saindo de uma etapa da história em que o zelo da ciência acabou por fragmentar o saber. O humano foi lesado. Acabamos compartimentalizando demais todas as coisas. No entanto existe uma habilidade no humano de considerar a totalidade por meio de ritos, poemas, canções, religiões, metáforas do sagrado. É uma relação que nasce da necessidade de integrar todas as partes em uma identidade individual plural. É como a cola das relações. A nomenclatura da “totalidade” pode ser um dado cultural, mas o fato de manter esta relação de modo satisfatório e solidário é um dado da estrutura antropológica.

Avançamos pouco na reflexão. Mas nosso recuo antropológico exigiu muita reflexão para poucas afirmações. Se concordarmos com este conceito de solidariedade como vínculo de responsabilidade recíproca, já teremos saído do uso vago desta expressão pelo senso comum, pelos políticos e por todos os que falam de solidariedade para vender algum produto ou idéia. O desafio agora seria perceber como os diversos autores contribuem para a compreensão de cada uma destas relações que compõem o Eu Total. Alguns estarão mais preocupados com o corpo, com a materialidade. Outros indicarão formas de desenvolvimento da interioridade. Haverá quem esteja mais preocupado com o enfoque

social. E existe a psicologia da religião, preocupada com a dimensão da totalidade. Este é o debate que propomos e que nos será muito útil para avançar nesta reflexão.